

Pobres candidatos

(Manoel Hygino dos Santos)

Da fronteira com a Argentina, na pequena mas próspera Roque Gonzales, RS, recebo a mensagem do advogado, professor e escritor Nelson Hoffmann, que se recupera de problemas de saúde. Manda-me um provérbio africano: "Enquanto os leões não tiverem o seu historiador, as históricas de caça sempre exaltarão o caçador". É assim também entre os homens e os povos. Os vitoriosos são os que contam a história, mas dão a própria versão dos fatos e acontecimentos, nem sempre as que mais refletem a verdade em sua inteireza. E onde está a verdade? Nos dias antecedentes às eleições de 3 outubro, o mais aconselhável é que os brasileiros meditassem sobre o seu papel na sociedade, agora e no futuro. Tinha-se de medir quem tivesse senso de bem comum, os mais íntegros, o com maior experiência com a coisa pública, que demonstrasse efetivamente maior compromisso com o Brasil e com o futuro. Este mereceria o voto. Ter-se-ia de optar pelas promessas realmente acreditáveis, quais representariam as mais legítimas reivindicações do povo e atendessem as necessidades nacionais. Não se poderia perder de vista que, embora os avanços notórios e suficientemente publicados pelos veículos oficiais ou patrocinados com dinheiro do povo, muito - muitíssimo, restaria a fazer. E ainda resta. As demandas sociais aumentaram expressivamente, e milhões esperam muito de seus mandatários: prefiro a palavra a "governantes". Se obras materiais valiosas foram executadas, não há dúvida de que há uma multiplicidade de encargos à frente. As mais caras aspirações ainda não se consumaram, nem se consumarão, porque o homem é eminentemente reivindicador. E o que não se conseguiu, todavia, empreender? Um caso, por exemplo, a merecer consideração. O economista - da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, afirma que a baixa escolaridade da população brasileira mantém o Brasil entre as 10 nações mais desiguais. "Ainda estamos no top 10 da desigualdade mundial". Desde 1996, houve diminuição no índice do Gini, o que mede a concentração de renda (quanto mais perto de 1, maior a desigualdade) caiu de 0,60, naquele ano, para 0,54, em 2009. Apesar da queda, o índice brasileiro é superior ao de países como os Estados Unidos, em torno de 0,40, e da Índia, 0,30 aproximando-se das nações mais pobres da América Latina e do Caribe e da África. Só esse dado diz muito e pode ser avaliado pela paisagem nossa de todos os dias: carrões, importados, de até várias centenas de mil reais circulando pelas ruas; apartamentos de milhões comprados na planta por um grupo de privilegiados; enquanto os que pouco têm suportam o desconforto dos coletivos, lentos e desconfortáveis, ou se escondem em barracos, emoldurados com as falazes alegrias do cotidiano, como celulares e televisões. A bula manda: leia muito as indicações siga as prescrições dos bons médicos. Mas isso ficará certamente para próximos pleitos.